



Universidades Lusíada

Braizinha, Joaquim, 1944-

Logos, topos e mitos

<http://hdl.handle.net/11067/4948>

Metadados

Data de Publicação

2001

Resumo

A acção primordial do homem e conseqüentemente a da arquitectura, assenta na definição do Topos , entendido como arquétipo ou modelo exemplar que acrescentado ao sítio, o transforma em Lugar. Na genealogia do lugar, intervém o logos, onde começa a imitação de criação na natureza, e se manifesta a única lei, que rege todas as regras da natureza e de logos: a anterioridade e posterioridade. O paralelo de mito e logos tem, por ficção, simular uma anterioridade, e nisto consiste a imitação da origin...

Tipo

bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-11-14T20:14:12Z com informação proveniente do Repositório

LOGOS, TOPOS E MITOS.

JOAQUIM BRAZINHA

TOPOS + Sítio = LUGAR



A acção primordial do homem e conseqüentemente a da arquitectura, assenta na definição do Topos, entendido como arquétipo ou modelo exemplar que acrescentado ao sítio, o transforma em Lugar. Na genealogia do lugar, intervém o logos, onde começa a imitação de criação na natureza, e se manifesta a única lei, que rege todas as regras da natureza e de logos: a anterioridade e posterioridade.

O paralelo de mito e logos tem, por ficção, simular uma anterioridade, e nisto consiste a imitação da original anterioridade de criação na natureza. Na história unida do céu e da terra, o Mito é o texto dos Logos, e este o verificável daquele¹.

Ora, sobre os logos, exibe-se o mito, porque tudo o que acontece não é senão símbolo. Primeiro “acontece”, depois o mito faz a fábula que vem dar lugar ao símbolo. O mito torna-se então o grande libertador da acção², na fundação do lugar.

Não há mito sem lugar, dado que nada pode haver sem lugar. Isto é sobretudo evidente na arquitectura. É na definição do lugar que se exibem os três poderes humanos: o PENSAMENTO, a OBRA e o ACTO.

Este princípio, dito aristotélico, não é mais do que os três sinais que dirigem o mundo, ou os três elementos onde vive a humanidade, o número deste planeta onde está o homem, ou os três poderes humanos, pensamento, obra e acto³. O segredo da aplicação da tríade não está no princípio mas na iniciativa pessoal sobre este princípio. Esta simples tríade, pode igualmente ser descrita por RAZÃO, ANALOGIA e METÁFORA, porque, na passagem do conhecido ao desconhecido, a razão é a maneira racional, matemática de fazer o lugar.

- A analogia organiza as similitudes que pressupõem a compreensão da anterioridade.

A essas similitudes, a que chamamos analogias, não no senso platónico que subentende uma relação de igualdade qualitativa e quantitativa; mas no senso esotérico de relação das leis vitais, damos o nome de poética.

A analogia significa assim, desenvolvimento de causa a efeito, pela lei da harmonia. A analogia esotérica é fundada sobre a harmonia e o método natural da posterioridade⁴.

- Quanto à metáfora, o intercâmbio entre pensamentos ou uma translação de contextos, não é senão uma representação do mundo real, na relação anterioridade/posterioridade.

Uma vez que a geometria é a primeira determinação do lugar, e é justamente a metáfora da ordem universal, a analogia entendida como poética, é aquilo que o arquitecto acrescenta à geometria.

O geométra também define o lugar segundo a medida no sentido de entidade e não na quantidade, como número e não como algarismo.

Quem dá a medida é a filosofia, porque utilizar a medida é pensar, por isso pensar é o mesmo que pesar (daí a epígrafe: aqui só entram geométras e que significa aqui só entrem os que pensam)⁵.

Se definir o lugar é então pensar o lugar, ou medir o lugar, e como o homem é a medida de todas as coisas, - os gregos o disseram -, então definir o lugar é pensar o lugar como lugar do homem⁶.

A triade dos poderes humanos, pensamento, obra, acto, adquire assim o significado de FILOSOFIA, NÚMERO e GEOMETRIA. Ora, já dissemos atrás que analogia significa desenvolvimento de causa em efeito pela Lei da Harmonia. Os pitagóricos definiam a harmonia de dois modos: a primeira, pela proporção, pelo número ou pela analogia; a segunda pela unificação do múltiplo composto e o acordo do discordante⁷.

É pela geometria que esta última definição toma corpo e que se pode estender a sua aplicação à arquitectura.

Consequentemente a possibilidade da aplicação da analogia à arquitectura.

Mito e logos são PENSAMENTO e ACTO, RAZÃO e METÁFORA, FILOSOFIA e GEOMETRIA, e são acima de tudo os domínios autónomos das duas criações da OBRA, ANALOGIA e NÚMERO.

Se tudo o que acontece é símbolo, o lugar ou a definição do lugar assim o é também; então o mito e o logos fazem a Obra, que se manifesta como alegoria na nossa tríade, tornar-se alegoria.

A determinação do lugar faz-se conhecendo o arcano, porque todo o lugar é lugar de um arcano que está presente em todo ele, e se identifica com todo ele. A obra arquitectónica varia segundo o arcano e o conhecimento que o arquitecto tem dos arcanos. Toda a arquitectura se deduz do seu princípio arcano ou arché e não é em vão que se chama arquitectura⁸.

Assim a nossa visão da tríade aristotélica traduzida por MITO, ALEGORIA e SÍMBOLO não é a história do mundo humano nem de uma civilização, mas a história de todo o conhecimento⁹, como memória activa na fundação do lugar e da Arquitectura.

NOTAS

¹ José de Alameda Negreiros, *Ver*, Arcádia, Lisboa, 1982.

² Op. Cit. 1.

³ Op. Cit. 1.

⁴ Schwaller de Lubicz, *Le Miracle, Égyptien*, Flammarion, Paris, 1963.

⁵ Orlando Vitorino, *Utópica*, Agosto 1987.

⁶ Op. Cit.5.

⁷ H. Trezinni, *Armonias Arquitecturais*, A.A. n.º Art.

⁸ Op. Cit. 5 – Arcano – o princípio Arché – o princípio formalizador.

⁹ Op. Cit. 1.